



Universidade de Brasília

INSTITUTO DE LETRAS

DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURAS

A síntese de tradições distintas do romantismo escocês no conto *A História de Willie, O Vagabundo*, de Walter Scott

Autora: Júlia Valadares de Sousa

Orientadora: Michelle Alvarenga de Souza

Brasília

2023

Júlia Valadares de Sousa

A síntese de tradições distintas do romantismo escocês no conto *A História de Willie, O Vagabundo*, de Walter Scott

Monografia apresentada ao Departamento de Teoria da Literária e Literaturas da Universidade de Brasília (UnB) como parte dos requisitos para a obtenção do título de licenciado em Letras: Língua Inglesa e Respectiva Literatura.

Orientadora: Prof. Michelle Alvarenga

Brasília, 10 de Fevereiro de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Michelle Andressa Alvarenga de Souza

Examinador 1: Esther Gazzola Borges

Examinador 2: Fábio Ramos Paz

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer aos meus pais, Vânia e Wilson, que me deram todo o suporte necessário para que esse trabalho fosse concluído. E gostaria de agradecer a todo o incentivo que obtive para que eu seguisse em uma carreira em que acredito. Sou grata a todos os meus amigos e familiares que fizeram questão de me incentivar com palavras doces.

E gostaria de agradecer à minha orientadora, Michelle. Pois sem seus conhecimentos e seu encorajamento jamais teria me aventurado em desbravar uma literatura que vem de tão longe, quanto a escocesa. E por último, adoraria estender esse agradecimento a todos os professores de inglês e de literatura que passaram na minha vida, sem eles meu amor pelas letras nunca teria florescido.

Muito obrigada a todos.

RESUMO

O trabalho possui como objetivo demonstrar como Walter Scott é capaz de sintetizar as tradições literárias típicas do Norte e do Sul em uma mesma obra. Para isso o trabalho é dividido em três capítulos, o primeiro tem como foco o contexto histórico em que o romantismo se desenvolveu, os reis e as guerras que precederam o pré-romantismo e o romantismo em si nas regiões da Escócia e da Inglaterra e como os conflitos entre esses dois países afetaram a nação escocesa. O segundo capítulo, visa desenvolver o que faz com que o romantismo escocês seja tão diferente do inglês, mesmo que os dois estivessem sob a mesma monarquia e tivessem uma origem semelhante. Neste capítulo, analisa-se um pouco da poesia James Macpherson, especialmente a da sua obra *Poemas de Ossian*, e uma das canções de Robert Burns como uma forma de explorar as características das diferentes origens do romantismo dentro da própria Escócia, já que uma é o retrato da literatura característica do Norte e a outra do Sul, respectivamente. Também se observa um pouco da literatura folclórica de Scott e de seu passado, além de explicar como o gênero romance histórico veio à tona e como Scott conseguiu retratar o passado de forma mais precisa. Por último, analisa-se o conto *A História de Willie, O Vagabundo*, escrito em 1834 por Scott, e como esse único conto é capaz de unir com maestria as heranças literárias de Macpherson e Burns em uma única obra, referenciando Norte e Sul ao mesmo tempo, e as raízes folclóricas da Escócia.

Palavras-chave: ROMANTISMO; ESCÓCIA; WALTER SCOTT; NORTE; SUL.

ABSTRACT

This monography's main objective is to demonstrate how Walter Scott can synthesize the literary traditions from the Highlands and Lowlands in the same short story. For this to happen, the monography is organized in three chapters, the first one had as its focus the historical context of how the romanticism developed, the Kings and Wars that proceeded pre-romanticism and romanticism itself in Scotland and England, and how those conflicts between these two nations affected the Scottish. The second chapter developed what makes Scottish romanticism so unique and different from the English one, even though both had the same Kings and Queens and a similar origin. In this chapter, James Macpherson's poetry in *Ossian Poems* is analyzed, and a song from Robert Burns too. Both were analyzed to explore the characteristics of the different romanticism origins inside Scotland, hence one of them represents the Highlands and the other, Lowlands. It is also possible to observe a little bit from Scott's folk literature and his past to explain the historical romance genre, since it only exists because of Scott. Therefore, he was the first person to portray the past in a realistic way. In the last chapter the short story *Wandering Willie's Tales*, written in 1834 by Walter Scott, is analyzed. By the end it's possible to conclude that this work can unify traditions from Macpherson and Burns with mastery, referencing the Highland's and the Lowland's culture at the same time, and the Scottish folkloric traditions as well.

Key words: ROMANTICISM; SCOTLAND; WALTER SCOTT; HIGHLANDS; LOWLANDS.

Sumário

1 INTRODUÇÃO	8
2 CONTEXTO HISTÓRICO	10
3 ROMANTISMO ESCOCES	20
4 ANÁLISE DO CONTO <i>A HISTÓRIA DE WILLIE, O VAGABUNDO</i>	28
4.1 Microanálise	28
4.1.1 Análise das personagens	31
4.2 Macroanálise	32
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	39

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho visa demonstrar como o conto *A História de Willie, O Vagabundo* de Walter Scott consegue combinar as tradições de duas regiões distintas na Escócia, a região Norte e a região Sul. Para isso o trabalho será dividido em três capítulos, sendo o primeiro deles focado no contexto histórico, no primeiro momento o foco será em entender quando a cultura no Norte passa a ter suas próprias características. Leva-se em conta o momento político e as represálias que o povo do Norte viveu, e como a natureza do Norte, que ainda possuía seus clãs, era diferente do Sul, que por ser mais perto geograficamente da Inglaterra, acabou sendo mais influenciado pelo país vizinho sem sofrer tanto com represálias políticas quanto o Norte.

No primeiro capítulo, também se visita à linhagem da realeza entre os períodos do rei James VI e as tentativas de tomar o poder de James Edward, suposto filho de James VII. Tais tentativas acabaram sendo em vão, já que o parlamento e o povo inglês não deixariam que um rei católico assumisse o trono, mesmo que ele fosse o único com um suposto laço de sangue com o rei anterior.

O segundo capítulo se baseia em explorar as características do romantismo escocês, suas raízes e em como ele diverge do romantismo inglês, que possuía muito mais força naquela época. Nesse momento é possível perceber que apesar de ser uma pequena nação, devido ao histórico político da região o romantismo se desenvolve de maneira única e não ligada à Inglaterra. O pré-romantismo escocês se baseia principalmente em Macpherson e Burns. Macpherson que escrevia sobre um passado distante onde a Escócia era uma das grandes potências mundiais e o nacionalismo era muito presente em seus poemas. E Burns, que compunha canções baseadas nas lendas escocesas, com influência do folclórica e uma linguagem mais informal e acessível, no dialeto scot¹.

Além disso, esse capítulo desvenda as influências e a estilística de Walter Scott, que é considerado até hoje um dos maiores nomes da literatura escocesa. Scott se tornou muito famoso por criar o romance histórico. Um gênero que se desenvolve na Escócia devido às mais variadas influências, desde o movimento dos *antiquarianistas*, até o fato de que era uma nação com muito apego ao seu passado e pouco desenvolvimento tecnológico, por causa dos embargos da Inglaterra.

1 Um dos dialetos da língua inglesa característico da Escócia.

O último capítulo é responsável por visitar o conto *A História de Willie, O Vagabundo*, escrito em 1834, quando Walter Scott ainda não havia se mudado para a Inglaterra. O capítulo é responsável por demonstrar como em um único conto, Scott consegue unir características tradicionais do Sul e do Norte em harmonia e com extrema destreza. Mantendo a narrativa fidedigna ao passado, segundo os relatos que ele tinha acesso na época, e criando personagens que vão além do que era comum na época. Afinal, segundo Carpeaux (2011), na sua escrita as personagens também eram transformadas pelo meio onde viviam.

O romantismo escocês foi escolhido como tema principal para esse trabalho por causa das sutis revoluções que ele trouxe para o gênero e da forma peculiar como se desenvolveu. Nascido da represália e da revolta de um povo que se sentia ignorado, que sofria com embargos econômicos, falta de autonomia e até mesmo passava fome, o romantismo escocês conseguiu dar voz àquelas pessoas que queriam ser ouvidas ao falar um pouco das histórias que cresceram ouvindo. Esse movimento protagonizou a junção do fantástico com o real, a história e o orgulho da Escócia. Dessa forma, esse trabalho tem também como um dos objetivos dar um destaque maior a essa parte do romantismo, mesmo que seja um tema pouco presente nas salas de aula.

2 CONTEXTO HISTÓRICO

De acordo com Murray Pittock (2008), a história do romantismo escocês possui fortes conexões com o passado. Partindo do momento em que a Rainha Elizabeth I morreu sem deixar herdeiros e sucessores até o momento em que o rei William assumiu e a já ínfima influência política que a Escócia possuía se transformou em nada. O parlamento escocês teve seus números reduzidos ao ponto de que jamais poderiam aprovar ou desaprovar uma medida por conta própria e até sua cultura passou a ser vista como uma ameaça política.

John Matusiak (2015) descreve o processo após a morte da rainha. Em seu livro, ele discorre que depois de sua morte, em 1603, foi necessário que visitassem a árvore genealógica da rainha até que encontrassem o familiar mais próximo e apto para obter o título de rei ou rainha da Inglaterra. Chegando assim em James VI, o rei da Escócia e familiar mais próximo de Henrique VII. É importante frisar que até esse momento, Elizabeth não havia levado James em consideração como seu sucessor ao trono. Foram necessários diversos acordos com o parlamento escocês, um deles era que o rei retornasse à Escócia a cada três anos, para que dividissem a coroa. O rei James foi coroado em 25 de julho de 1603, unificando pacificamente os reinos da Escócia e da Inglaterra.

Matusiak (2015) descreveu James como uma pessoa pacífica e de mente aberta. Depois de coroado, uma de suas primeiras medidas foi nomear o Lorde Edward Bruce como Mestre dos Rolos² por toda sua vida, sendo que nunca um escocês havia tido um papel jurídico tão importante na Inglaterra. Ele trouxe cinco de seus tenentes escoceses para ocupar cadeiras do conselho recém reconstituído e promoveu quase mil homens a cavaleiros, todavia era como se James não conseguisse perceber a tensão que o cercava naquele momento. Desde 1596 a inflação vinha aumentando, e assim a atenção do povo era totalmente voltada as atitudes da monarquia.

O povo esperava que providências viessem do rei, mas repetidas vezes James abandonou sua corte e deixou todas as decisões à mercê de seus ministros. Ele não respeitava os rituais da corte inglesa e invertia as ordens das etapas de suas cerimônias. Em 1607, boatos se espalharam acerca das finanças da nobreza, já que o rei tinha o hábito de cobrar menos impostos de seus amigos. Nos anos seguintes, a crise econômica aumentou e ele finalmente se deu conta de que manter a paz entre as nações protestantes e católicas – coisa que ele fazia com maestria na Escócia – seria algo complicado devido à tamanha importância da Inglaterra.

² De acordo com o dicionário Collins, naquele período era o juiz que presidia a Corte dos Apelos da Divisão Civil, e que mantinha os registros públicos.

Em uma tentativa de ouvir e atender aos desejos dos puritanos, que desejavam uma reforma religiosa, o rei fez uma conferência com eles em 1604, e em 1611, uma nova Bíblia nasceu para ser lida nas igrejas. Ele também permitiu a manifestação dos católicos que havia sido proibida pela rainha Elizabeth.

Na Câmara dos Comuns ele encontrou oposição. Os membros ingleses desprezavam os novos membros escoceses. Depois de diversas decisões erradas, como ir contra as sugestões de seu tesoureiro e dissolver o parlamento James acabou perdendo parte de sua influência política. Pelos próximos anos, governou sem o auxílio do parlamento, apenas consultando-o quando necessário e tendo suas propostas desaprovadas. Seus impostos não eram aprovados, o que levou a Inglaterra a uma crise econômica gigantesca. Em uma tentativa de salvar seu reino, economicamente falando, e evitar uma guerra, o rei casou seu único filho, Charles, com uma princesa Espanhola. Essa decisão ia contra o desejo do parlamento e depois disso sua popularidade despencou também entre a população, afinal a Espanha era uma nação católica e inimiga histórica da Inglaterra. Um pouco depois desse momento, James morre em 1624 com sintomas semelhantes aos da malária e então, seu filho Charles é coroado como novo rei do Reino Unido.

Desde o começo de sua vida, Charles foi uma criança frágil. De acordo com Matusiak (2015), ele demorou para começar a falar e a andar. Segundo Peter Ackroyd (2015), Charles era mais reservado, severo e inseguro, após ser coroado se deparou com um parlamento em oposição às suas ideias e não soube montar uma estratégia para aprovar suas propostas. Ele tentou mudar a localização do parlamento para Oxford, mas a hostilidade permaneceu. No final de 1625, as leis contra os católicos voltaram a ser executadas.

A disparidade entre os ideais dos Comuns e do rei se tornaram mais evidentes quando Charles passou a tentar proteger um dos ministros de ser deposto, Buckingham, fazendo assim com que os outros Comuns percebessem o favoritismo e se revoltassem mais contra o rei. Assim como James, Charles teve seus apelos financeiros negados o que o forçou a instituição de mais impostos. Surpreendentemente, a sua medida foi vista com bons olhos e rapidamente Charles conseguiu unir os fundos desejados. Alguns cavaleiros se negaram a pagar os impostos como forma de protesto. Depois de algum tempo a informação chegou a Casa dos Comuns e mais incerteza pairou no ar. Os Comuns passaram a se preocupar com o caráter tirano do rei Charles.

É importante frisar que, nesse momento, o rei estava mantendo duas guerras: uma contra a Espanha e outra contra a França, onde as duas eram lideradas pelo Lorde de

Buckingham. No final, as duas guerras foram perdidas e, somente nesse momento, beirando uma crise econômica, que o rei finalmente aceitou a petição dos Comuns e exonerou o Lorde de Buckingham. Apesar de aceitarem a petição, ambos ignoraram as acusações do parlamento, que questionava as finanças do monarca. Após esse período de confusão envolvendo o Lorde, o rei passou a governar de maneira absolutista pelos próximos 11 anos.

Em 1634 ele declarou que o imposto de navio seria cobrado, entretanto esse imposto era exclusivo aos momentos de guerra, sendo que Charles já havia assinado tratados de paz com a Espanha e França. O rei, que assim como seu pai, ressentia ao presbiterianismo e suas tendências democráticas, tentou desenvolver um novo livro de orações, inspirado pelo anglicanismo, e isso foi motivo de revolta por toda a Edimburgo, já que as medidas do livro lembraram os escoceses do catolicismo. Centenas de milhares de escoceses assinaram petições alegando que preferiam morrer a seguir o novo livro de orações. Charles mandou reforços para tentar conter a multidão e tentou voltar atrás com seu livro, mas infelizmente os primeiros passos para uma Guerra Civil já haviam sido dados. De acordo com Neil Oliver (2009), os conflitos que aconteceram entre os anos 1642 e 1651, são conhecidos como Primeira e Segunda Guerra Civil na Inglaterra, enquanto na Escócia, esses eventos são chamados de Guerra dos Bispos. O rei excomungou todos os pastores que foram até Londres conversar sobre a situação na capital escocesa e começou a se preparar para guerra.

Enquanto o rei Charles possuía um orçamento curtíssimo para sustentar seus soldados, os escoceses estavam motivados pela fé e escutavam sermões duas vezes ao dia. Quando Charles menos imaginava, mais soldados escoceses chegaram ao campo de batalha, o que o fez recuar. De um lado, os ingleses hesitavam por saber que não iriam vencer, e do outro os escoceses não tomavam nenhuma atitude decisiva. Após uma semana nessa situação, seis comissionados de cada lado tentaram uma negociação. no final, o rei decidiu adiar os ataques aos escoceses. Ao mesmo tempo, na Inglaterra, os escoceses serviam como um exemplo de coragem para os ingleses que estavam desapontados com o governo.

Depois da pacificação irlandesa, Charles pensou em usar o exército católico de lá contra os escoceses, atitude que ofendeu o parlamento e desencadeou o pedido de execução do Conde de Stafford, que liderava na Irlanda. O rei se recusou a executá-lo, o que enfureceu ainda mais o parlamento inglês. O parlamento escocês percebeu que os ingleses não mais queriam Charles como seu governante, já que ele estava se alinhando aos irlandeses.

Em 1640, o general escocês Alexander Leslie, organizou as suas tropas para lutar na Inglaterra mais uma vez. No dia 20 de agosto, ele entrou em terras inglesas com 25 mil

homens e assegurou a população de que seus homens não iriam roubar a comida, nem destruir suas casas. Eles não estavam contra a Inglaterra, mas sim contra os seus bispos e líderes católicos. Em oposição ao que a corte esperava, a população inglesa estava validando os motivos escoceses e, depois de 300 anos, essa foi a primeira vitória significativa dos escoceses em terras inglesas. A chamada Batalha de Newburn foi a primeira da Guerra Civil inglesa e um marco na história da Escócia.

Arranjos foram feitos para que um tratado de paz acontecesse depois que Charles tentou desenvolver um livro de orações que unisse a religião na Inglaterra e na Escócia. Posteriormente a essa atitude, os escoceses não estavam mais em guerra com a monarquia e passaram a reconhecer Charles como o rei, mesmo que não estivessem satisfeitos. Alguns dias depois o parlamento, que até então era temporário, aprovou que a partir de agora a sua dissolução deveria ser votada, sendo assim os comuns vetaram parte do poder do monarca. Para Ackroyd (2015), foi aqui que a revolta passou a ser, de fato, uma revolução. Em maio, Stafford foi sentenciado e morto, o parlamento instituiu novos impostos e a população começou a se dividir entre seguir o parlamento e seguir o rei.

No ano de 1641, o parlamento fez uma lista de 10 proposições ao rei. Os principais pontos dessa petição eram: que o rei adiasse sua visita a Escócia, pois temiam que ele fizesse uma aliança com o exército escocês contra o parlamento, que os bispos e padres católicos se retirassem da corte da monarquia e que o rei dispensasse todos os conselheiros não aprovados pelo parlamento. Charles não aceitou e foi para Edimburgo da mesma forma, lá ele uniu os exércitos e visitou o parlamento da região.

Enquanto isso, na Inglaterra iniciou-se um período em que John Pym, o idealizador das 10 Proposições, passou a governar. Perto do final de 1641 aconteceu um evento conhecido como “o incidente”, que consistia em um plano de sequestro de alguns nobres presbiterianos escoceses – grupo que se opunha ao Charles no âmbito religioso. Charles negou seu envolvimento com o plano, entretanto era difícil comprovar que realmente não estava envolvido já que estavam tentando resolver as divergências religiosas das duas nações naquele parlamento. O rei perdeu o apoio que havia ganhado dos escoceses e a saída foi concordar com os pedidos do parlamento escocês em abolir a função de bispo na Escócia.

Na Inglaterra, agora liderada por Pym, os parlamentares escreveram um documento que era composto por um catálogo de abusos perpetrados pelo partido de Charles. Como contramedida, o monarca juntou soldados ao pressentir que o parlamento poderia tomar alguma medida contra si. Em 1643, tanto o rei quanto o parlamento já possuíam seus exércitos

e em novembro, o parlamento anunciou que estava no poder. O príncipe, filho de Charles, retornou à Inglaterra e a guerra perdurou até 1646, quando acabou a Primeira Guerra Civil.

Nesse ano o rei se disfarçou de servente para encontrar com o exército escocês de Newark e percebeu que, além de um visitante, era um prisioneiro. Para Ackroyd (2015), os escoceses pretendiam manter o monarca como refém até que o parlamento pagasse o que devia desde a invasão escocesa. Enquanto o parlamento não se pronunciava, os escoceses fizeram suas demandas, entre elas tinha o pedido para a abolição do livro de Orações e a imposição do presbiterianismo em todos os seus reinos. O rei decidiu fingir que iria se comprometer enquanto esperava que alguma ajuda viesse da França, da Irlanda ou do norte da Escócia. A ajuda nunca veio e em junho o parlamento inglês mandou uma nova lista de preposições que que ele deveria aceitar caso quisesse voltar ao trono. Nas preposições inglesas estavam o pedido para que o rei adotasse o presbiterianismo, começasse a perseguir os católicos e os independentes, exterminasse os bispos e renunciasse ao seu exército por 20 anos. Charles disse que iria aceitar as preposições do parlamento inglês e retornou à Inglaterra. Novos acordos foram feitos e encontraram um meio termo entre as vontades de Charles e as do Parlamento.

Depois de se acertar com os ingleses, Charles renegociou com os escoceses e prometeu uma reforma religiosa, iniciando aí a Segunda Guerra Civil. Os partidários do rei se revoltaram contra ele alegando que o acordo era uma forma de traição do rei e calculam-se que mais de 100.000 soldados tenham morrido no decorrer desse conflito. O parlamento ganhou em conjunto com o exército e os parlamentares queriam negociar com o rei, os líderes do exército se opuseram fortemente a essa ideia e, em alguns meses fizeram uma corte para levar o rei Charles a julgamento por traição. Ele foi condenado e morto em 1649.

A partir desse momento, Escócia e Inglaterra têm seus caminhos separados. Segundo Oliver (2009), assim que o rei Charles I é morto, a população escocesa proclamou o seu filho, Charles II como novo rei. Apesar da Escócia ter tomado uma decisão diferente, eles ainda queriam ter um rei de aliança com a Inglaterra e a Irlanda. O líder do parlamento inglês, Oliver Cromwell, passou a liderar a Inglaterra sob o título de Lorde Protetor, já que ele não aceitou se tornar o novo rei. Cromwell tentou convencer os escoceses de que estavam indo contra a vontade de Deus coroando Charles II, enquanto isso ele estava com o seu exército ao mar, pronto para invadir se necessário. Nesse momento a Escócia possuía um exército maior e mais experiente, o que deixava Cromwell relutante. Entretanto o Archibald Johnston achou melhor expurgar o exército de todos aqueles que não seguiam as vontades de Deus, deixando

homens inexperientes. Mesmo que a quantidade de pessoas fosse maior, o exército inglês era mais forte, Cromwell se viu com vantagem e invadiu o porto de Dunbar.

Depois da invasão inglesa, Charles II correu pela sua vida buscando refúgio na França e agora os três reinos estavam unidos novamente sob a mão de Cromwell. Ele morreu em 1658 e passou seu cargo ao filho, que não tinha os mesmos dotes para governar e acabou perdendo a posição em menos de três anos. Charles II retornou de seu exílio para ser rei da Inglaterra e da Escócia. O povo escocês comemorava já que Charles II era o oposto de Charles I. Sua religião era motivo de muitos debates. Ele dizia ser anglicano, mas havia se casado com uma católica e seu irmão, James, também era assumidamente católico.

Muitos conflitos religiosos seguiram durante seu comando. Em 1685 o rei morre e seu irmão, James II, é o próximo a assumir o trono. Com o passar do tempo, James passa a se rodear de católicos aliados em todas as esferas políticas possíveis, parlamentos e conselhos. Em 1688, William de Orange, o cunhado de James, se sente mais ameaçado pela ideia de ter um governante católico no Reino Unido, já que a esposa de James acaba de ter um filho. Por causa disso, no final de 1688, com seus 70000 homens unidos, William e outros nobres protestantes decidiram que era hora de invadir.

Em 1689, depois que as notícias chegaram até James VII e II e ele decidiu deixar o país com sua família, o parlamento inglês aprovou a Declaração de Direitos de 1689, que impedia católicos de se sentarem no trono. No mesmo ano, William e Mary se tornaram rei e rainha do Reino Unido por meio da chamada Revolução Gloriosa, por não ter tido uma guerra de fato. A ascensão de William ao trono efetivou a mudança do regime político de uma monarquia para uma monarquia constitucional.

Logo ficou claro para os escoceses que o rei William II não se importava com eles. Durante a década de 1690, a fome e a pobreza assolavam a Escócia. Em 1696 o *Ato Para Estabelecer Escolas* foi aprovado pelo parlamento escocês, afinal, de acordo com Oliver (2009), pessoas alfabetizadas podem ler a Bíblia e passar a palavra de Deus adiante. A alta taxa de alfabetização combinada com a fome que o mal gerenciamento de William vinha gerando era uma combinação perigosa. William morreu em 1702 e o trono ficou com a irmã mais nova de sua esposa, Anne. Enquanto William ignorava o povo escocês, Anne tentou encontrar uma maneira de lidar e resolver os problemas de lá de uma vez.

Em 1704, a Lei dos Estrangeiros foi aprovada pelo parlamento inglês, que colocava os escoceses em posição de “estrangeiros”, além de estabelecer um forte embargo econômico à nação. O real objetivo desse movimento por parte da rainha era segregar e isolar o reino

Escocês para forçar uma união dos parlamentos. A lei foi revogada dois anos depois, mas a esse ponto seu objetivo já havia sido cumprido. Muitos escoceses acreditavam que, enquanto as políticas não se unissem de vez, a Escócia estaria fadada à miséria. Eles acreditavam nas duas nações unindo suas forças, mas Anne queria que a Escócia fosse completamente submissa à Inglaterra. Em 1707, a união parlamentar foi proposta e votada. Caso aprovada, o parlamento escocês e o Conselho Privado Escocês deixariam de existir, alguns integrantes do parlamento escocês entrariam no parlamento inglês, mas não em quantidade grande o suficiente para mudar as decisões envolvendo a Escócia. Para Arthur Herman (2002), os que eram a favor tinham para si de que a união era a melhor forma de contornar a falta de mercado e os impostos abusivos, enquanto os que eram contra essa união acreditavam que era um tiro no próprio pé entregar a pouca autonomia que a Escócia possuía à Inglaterra.

Somente depois de muito tempo a Escócia finalmente viu os benefícios prometidos se tornando realidade e, nesse meio tempo, James Edward – um suposto filho de James VII, mas que nunca teve sua paternidade de fato confirmada – imaginava que logo seria coroado James VIII, rei da Escócia e da Irlanda. Nesse contexto nasceram os jacobitas, um grupo escocês que, por amor ao rei James VI e repúdio à união entre Escócia e Inglaterra, queria que James Edward fosse proclamado rei no lugar de William II. Os jacobitas eram representados politicamente pelo partido tóri. Oliver (2009) ressalta que os jacobitas não eram motivados pela religião e que mesmo sabendo que James Edward era católico ainda o apoiavam. James Edward estava vivendo na França, que há muitos anos estava em guerra com a Inglaterra e o país, já cansado das despesas que a parte exilada da dinastia Stuart trazia, viu nesse conflito uma oportunidade de resolver seus problemas com a Inglaterra de uma vez, apoiando James Edward.

Em 1708 aconteceu a primeira tentativa de Edward de assumir o trono. Eles tinham plano simples onde entrariam no reino e seguiriam para Stirling onde o rei seria coroado, e então o rei Luís poderia mandar suas tropas rumo ao nordeste e lá eles tomariam conta das minas de carvão. O plano deu errado. Quando os navios se aproximaram do destino, uma tempestade se iniciou, deixando o mar muito agitado, e quando finalmente estavam próximos de aportar seus navios, os homens já estavam desanimados. Nem mesmo os almirantes estavam realmente achando que teriam vitória em tal empreitada. Percebendo isso, o Almirante Byng mudou o curso do navio, os levando para o norte sem chance de aportar até contornar o Canal do Norte, enquanto escutavas as súplicas de Edward para ser deixado na Escócia, mesmo que sozinho.

Em 1711 o cenário muda novamente e os Tóries³ começam a ganhar força no parlamento. Eles até chegam a sugerir que James Edward seja aceito como rei caso se convertido ao presbiterianismo. Segundo Oliver (2009), os Tóries estavam tão centrados em passar o trono ao James Edward pelo fato de que a linhagem de monarcas era desafiante ao poder do primogênito, já que William nunca possuiu o sangue da família real de fato. O líder do clã Mar, conhecido como “John que balançava”⁴ tentou se manter próximo à coroa depois que a rainha morreu e George Hanover se tornou rei, porém foi humilhado em público e retornou à Escócia e em 1715 seu exército estava pronto para a batalha contra o Duque de Argyll, que liderava o exército do estado britânico.

John tinha o maior e melhor exército, porém, da mesma forma que tomou as decisões erradas como político, tomou péssimas decisões liderando seus homens. Depois do conflito inicial, o clã recuou com suas tropas esperando o apoio das tropas francesas, mas o exército de Argyll permaneceu persistente e os fez evacuar. De acordo com Herman (2002), o único empecilho para a tomada do poder pelos jacobitas nesse momento foi a péssima liderança de John. Ainda segundo Herman (2002), a revolta de 1715 foi a mais séria, já que por sua causa os ingleses finalmente entenderam que existia algum risco de o movimento jacobita conseguir atingir seu objetivo de fato. A revolta também aumentou o ressentimento entre os jacobitas e os *whigs*⁵, que era a parcela da população que apoiava a dinastia Hanover, aumentando as tensões. No final, James Edward e o Conde Mar se exilaram na França mais uma vez.

Como resposta à revolta, os ingleses aumentaram os impostos sobre as principais manufaturas escocesas, como o linho e o papel. Os ressentimentos aumentaram e houve o Ato de Desarmamento, em 1716, que impedia os escoceses de manter armas e escudos. Na prática, apenas os clãs *whigs* deram as suas armas, enquanto os clãs de tendencia jacobita mantiveram suas armas reais e entregaram outras com o objetivo de enganar o governo. Em 1725, o parlamento estabeleceu impostos altíssimos sobre o principal ingrediente para a fermentação da cerveja. Depois disso, a relação com a Inglaterra se estabilizou e a Escócia finalmente pode aproveitar dos acordos feitos em 1707, quando os parlamentos se uniram.

Os escoceses passaram a usufruir dos portos ingleses e de seus contatos com outros países para aumentar sua área de mercado e, assim, começaram a se reerguer. Eles podiam aproveitar de não terem a atenção do parlamento voltada para si e viveram os próximos 15 anos em paz. Depois da Guerra de Sucessão Austríaca, George II e as tropas austríacas

3 Como eram chamados os membros do Partido Conservador Escocês do período.

4 *Bobbing John*.

5 *Whigs* é como eram chamados os integrantes do partido liberal que almejavam a união entre Escócia e Inglaterra.

ganharam uma batalha contra a França, e da mesma forma que aconteceu em 1708, os Franceses apoiaram a causa jacobita para que pudessem reorganizar suas estruturas pós derrota. O antes tão valente James Edward – que agora não possuía mais a mesma energia de quando estava no auge de sua juventude – colocou seu filho, Charles Edward como o centro do movimento jacobita.

O primeiro conflito foi marítimo e em 1744, os navios deixaram Dunquerque, na França e a tropa inglesa os aguardava. Entretanto, antes que a batalha começasse, uma tempestade afundou boa parte dos navios franceses e eles não tiveram outra saída senão retornar à França. O segundo conflito começou depois que Charles Edward conseguiu juntar dinheiro para alugar dois navios de guerra e partiu para a Escócia. Ele avisou aos jacobitas de que iria liderá-los em uma revolta e, logo que saiu do porto, encontrou um navio de guerra britânico que quase destruiu seu maior navio, o L'Elisabeth. Este retornou a França e boa parte dos homens que Charles uniu agora estavam mortos. Em 1745 finalmente chegou à Escócia com o menor navio.

Em 1746 houve o segundo conflito no pântano de Culloden. Os escoceses planejavam fazer um ataque surpresa, e na manhã de 16 de abril, o exército dos jacobitas encontrou com o exército da coroa britânica – que tinha acabado de desenvolver uma nova técnica de batalha para lidar com os jacobitas. Os clãs escoceses, que compunham majoritariamente o exército dos jacobitas foram derrotados nessa batalha, também chamada de Batalha de Culloden. Mesmo com a derrota, alguns jacobitas começaram a se preparar para a revanche, o que levou ao príncipe os pedindo para que deixassem a situação de lado e que preservassem suas vidas. Depois da batalha, os exércitos ingleses se estabeleceram no Norte da Escócia e perseguiram os rebeldes sem piedade, queimando e matando. Como os clãs do Norte eram a principal força por trás dos jacobitas, o governo inglês passou a tomar medidas que forçassem o seu fim.

O parlamento inglês tomou uma série de decisões que criminalizava a cultura gaélica no Norte da Escócia. O Ato de Desarmamento foi renovado, o tecido tartan⁶ e o gaélico, língua comumente falada na região, foram proibidos no chamado Ato de Proscrição de 1746. Os clãs do Norte também perderam seu poder feudal. Os ingleses assumiram que as diferenças culturais eram o motivo por trás do jacobitismo e somente em 1782 permitiram que os escoceses voltassem a usar roupas feitas de tartan.

Ao mesmo tempo em que muitos escoceses brigavam por seus direitos, aconteceu um êxodo gigantesco para a colônia escocesa no Canadá, e cerca de 250.000 escoceses e irlandeses se mudaram para o continente americano. As ideias iluministas finalmente foram

⁶ Tecido tradicional escocês, cuja principal característica é a estampa xadrez.

abraçadas pela Escócia e desenvolvimentos em todos os campos da ciência passaram a acontecer. A Escócia passou a vender tabaco para as colônias americanas e, depois que as colônias conquistaram sua independência, até o mais pobre dos comerciantes de tabaco se tornou rico.

3 ROMANTISMO ESCOCES

Seguindo a teoria de Otto Maira Carpeaux (2011), pode-se dividir o romantismo em três principais correntes, todas elas em resposta à Revolução Francesa, um movimento histórico que foi capaz de transformar as realidades até então vividas e que repercutiu em toda a sociedade europeia. A primeira corrente é a alemã, que é onde o romantismo surge com o “*Sturm und Drang*”. Esta expressão significa tempestade e ímpeto e representa o primeiro movimento pré-romântico da Europa, que é o alemão. O “*Sturm und Drang*” rousseuniano, foi um movimento que surgiu como resposta à revolução industrial e a reforma agrária, se baseava no medievalismo alemão, era nacionalista ufanista – mesmo que a nação ainda não fosse unificada – e, apesar de preceder o romantismo, os dois movimentos não possuíam ligação direta. Por causa das baixas taxas de alfabetização, Carpeaux (2011) afirma que

À literatura alemã medieval, escrita em língua diferente e correspondendo a situações sociais e mentais já inexistentes, não podia servir de modelo; então, os românticos criaram uma Idade Média fantástica, de sonho, procurando-se subsídios em todas as literaturas estrangeiras. (CARPEAUX, 2011, p. 50)

Dois exemplos que sumarizam as características do movimento romântico na Alemanha são Bettina Brentano, com as obras *Günderode* e *Die Buch gehört dem König*, e Eichendorff, com os livros *A Vida de um Imprestável* e *Das Marmobild*. Ambos conseguem expressar o sentimento cristão, monárquico e nacionalista (CARPEAUX, 2011) que caracterizam o romantismo de evasão.

A segunda corrente é a francesa, que se caracteriza por ser revolucionária. Depois que os romancistas entraram em contato com o medievalismo católico absolutista, eles se revoltaram. Enquanto na Alemanha o que aconteceu foi uma revolução industrial malsucedida, na França a mudança foi completamente radical: o feudalismo deixou de existir e a burguesia era a classe social em ascensão. Na esfera literária, os românticos assumiram uma postura reacionária a todas essas mudanças, para seguirem por um caminho revolucionário. Essa mudança estava associada à uma transformação na postura burguesa, que antes apoiava o proletariado, e ao ver sementes do socialismo se espalhando deixou de apoiá-lo. Como representantes, tem-se Sénancour, com as obras *Oberman* e *Reveries*, e Victor Hugo, com *O Corcunda de Notre-Dame* e *Os Miseráveis*.

A última vertente a se desenvolver é a inglesa. Inicialmente pautada na coexistência de diferentes romantismos, acabou que a mais popular se tornou o romantismo conservador.

Apenas um pequeno grupo de autores – Keats, Shelley e Byron – fomentavam o romantismo revolucionário, que era bem menos popular e seguia os moldes do que existia na França. O romantismo inglês era em sua maior parte conservador por causa do seu passado, onde a Revolução Industrial foi bem-sucedida e o feudalismo permaneceu poderoso, o que fez com que os hábitos dos cidadãos não mudassem tão abruptamente quanto aconteceu na Alemanha e na França.

Carpeaux (2011) argumenta que “o ponto de partida alemão é principalmente pré-romântico. O ponto de partida francês é principalmente pré-revolucionário. O ponto de partida inglês é principalmente contrarrevolucionário” (CARPEAUX, 2011, p. 852). Ele diz isso partindo de que todos eles são de alguma forma afetados pelas mudanças sociais da época. O romantismo alemão parte da carência de um passado a ser lembrado pelo difícil acesso à língua antiga e de uma Revolução Industrial fracassada. O francês, por sua vez, viu mudanças sociais acontecendo e mudando toda sua estrutura. Os franceses presenciaram a mudança de regime com a queda do absolutismo e com a chegada das novas tecnologias advindas da Revolução Industrial. Por fim, o inglês que, apesar de ter visto muitas mudanças, conseguiu contornar as transformações sem revoltas após a Revolução Gloriosa.

Quando comparado às escolas românticas alemã e inglesa, o romantismo escocês demonstra características semelhantes às do romantismo de evasão, visto na Alemanha (CARPEAUX, 2011). Quanto ao seu surgimento e às suas principais influências, David Punter (2012) aponta dois autores que podem ter contribuído para o desenrolar do romance escocês da forma que se deu. Os dois autores se popularizaram durante o século XVIII e são eles James Macpherson e Robert Burns. Macpherson é um escritor do Norte Escocês⁷ que se popularizou em toda a Europa com a obra *Os Poemas de Ossian*: uma suposta tradução, seguindo o movimento generalizado de tradução de obras antigas, das obras de um bardo escocês chamado Ossian. Supostamente, esse bardo teria escrito sua poesia em gaélico no séc. III exaltando uma Escócia poderosa e antiga, entretanto, logo se descobre que, na verdade, Macpherson enganou a todos, sendo ele mesmo o autor de suas obras. Nas epopeias de Ossian era possível ter a impressão de uma Escócia Gaélica parcialmente morta.

Tal qual transmonta o sol inconstante sobre a colina relvosa de Larmon, as histórias de outrora passam à noite por minha alma. Quando os bardos retornam para suas moradas, quando se penduram as harpas nos salões de Selma, eis que vem uma voz a Ossian e desperta sua alma. É a voz dos anos que se foram: eles deslizam diante de mim, com todos os seus feitos. Retenho as histórias e verto-as em canções. A canção do rei não é uma inquieta correnteza: é como a música que emerge das cordas de Leutha. – Leutha das muitas cordas, tuas flumíneas rochas não se quedam silentes

⁷ *Highlands*, lugar onde a rebelião jacobita era mais forte.

quando as alvas mãos de Malvina se movem sobre a harpa. – Luz dos pensamentos sombrios que pairam sobre minha alma, ó filha de Toscar dos elmos, não ouvirás a canção? Evocamos, donzela de Leutha, os anos que se foram (CASS, 2011, p. 261).

Nesse trecho do poema *Oina-Morul*, traduzido por Thiago Cass (2011), é possível perceber a quão poética é a poesia de Ossian. Larmon é a cidade onde a sua epopeia se passava, Selma o nome do castelo e tudo isso é narrado pelo herói da trama Fingal (CASS, 2011). Ossian consegue fundir a epopeia com a lírica ao descrever a importância da música e ao começar a introduzir um pouco do folclore da região.

Punter (2012) explica essa sensação dizendo que:

O ato de tradução do Macpherson oblitera o gaélico original para recriá-lo como uma língua poética morta embalsamada na prosa inglesa. Isso não apenas pelo mundo em quem o poema foi escrito, mas sua produção e recepção passam por uma desmaterialização melancólica⁸ (PUNTER, 2012 p. 125, tradução nossa).

Historicamente falando, o período que cerca a publicação de Macpherson era um momento em que a cultura gaélica escocesa sofria com diversos ataques e restrições pela coroa britânica. Foi nos poemas de Ossian, que muitos encontraram as forças necessárias para manter sua cultura viva.

É possível perceber que o romantismo escocês bebeu principalmente das fontes do romantismo alemão, que tentava trazer as características da sociedade medieval para o presente, e do romantismo inglês, conservador. Apesar das oposições ideológicas com a Inglaterra, que queria que a Escócia fosse sua submissa e deixasse sua cultura de lado, como visto no Ato de Proscrição de 1746, os dois romantismos compartilham características semelhantes devido à proximidade geográfica, política e social. Carpeaux (2011) afirma que na Alemanha buscavam uma nova literatura, classicista e medievalista. O nacionalismo alemão buscava “conforto no passado” (CARPEAUX, 2011, p. 857), nas antigas obras e nas traduções de obras clássicas, como Shakespeare e Dom Quixote.

Enquanto isso, o romantismo inglês – apesar de também abraçar a onda das traduções desde antes dela chegar na Alemanha – tinha um objetivo diferente. Ele se punha em oposição às movimentações revolucionárias na França, que levaram à morte do rei e ao fim da monarquia. Na Inglaterra, depois da Revolução Gloriosa, o rei fazia parte do parlamento e da

⁸ No original: *Macpherson's act of translation obliterates the Gaelic original in order to recreate it as a dead poetic language embalmed in English prose. Not just the poem's world, but its sites of production and reception undergo a melancholy dematerialization.* Punter (pg. 125, 2012).

movimentação burguesa, assim não sendo uma ameaça à autonomia e à liberdade econômica do país. Na Inglaterra, o romantismo tinha caráter conservador justamente por querer afastar os princípios revolucionários do Iluminismo francês, já que ambos eram diferentes em todas as suas esferas (BURKE, 2019). Segundo Edmund Burke (2019), a revolução francesa, apesar de surpreendente, era fadada ao fracasso por ter fundamentos abstratos. Ele também explica como funciona o parlamento inglês e como os burgueses, a monarquia e os comuns – povo que não possuía posses – entravam de acordo sem deixarem de existir, graças às alterações na Constituição devido a Revolução Gloriosa.

Grande parte dos poetas ingleses desse período (1800-1830) tinham receio tanto da Revolução Industrial quanto da Revolução Francesa. O que os levou a se isolar na região dos lagos ingleses, sendo chamados de Poetas do Lago⁹. Segundo Carpeaux (2011), eles preferiram se distanciar dos grandes centros e viver isolados em pequenos vilarejos, nesse grupo se encontram poetas como Wordsworth, Coleridge, Byron e Shelley, sendo os dois últimos muito influenciados pelas obras classicistas germânicas. O movimento de Poetas do Lago também aconteceu na Alemanha, mas lá os historiadores os chamam de “escola da Suévia”. Ambos os grupos misturavam elementos fantásticos com temas corriqueiros.

Percebe-se, portanto, que os autores escoceses tentam retornar a um passado idealizado com traços medievalistas e nacionalistas. Segundo Sarah Dunningan e Suzanne Gilbert (2013), esse movimento também acontecia fora da literatura por um grupo de pessoas apelidado de “antiquados”¹⁰ e em união com os escritores do período, eles redescobriram e recriaram seu folclore. Nesse sentido, o romantismo também resiste à interferência inglesa, no que preserva as características da história escocesa, tendo suas raízes no movimento jacobita.

Já no Sul, mais rural e alfabetizado, uma nova forma de pré-romantismo começou a emergir. A união entre a cultura oral e as altas taxas de alfabetização ofereceu uma base forte para que um novo gênero criasse forma, sendo seus principais representantes Allan Ramsay e Robert Burns. Nesse momento, os dois idiomas tradicionais escoceses – scots e gaélico – eram mal vistos pela classe intelectual do país, diziam que eram idiomas “obsoletos, um dialeto rústico, bárbaro e rude” (PUNTER, 2012 p. 125), provavelmente por influência inglesa. Entretanto, esses dois idiomas eram extremamente importantes para a cultura, afinal os dois estavam ligados ao folclore escocês. De acordo com Moray Watson e Michelle Macleod (1998), o gaélico estava presente na Escócia e na Irlanda desde o ano 400, era falado no Norte, nas Ilhas Clyde e Hébrides e era a língua utilizada entre amigos. Já o scot, de acordo

9 No original: *Lake Poets*, Carpeaux (2011).

10 No original: *Antiquarians*.

com John Corbett (2003), tem a mesma origem que a língua inglesa e a maior diferença entre a língua e o dialeto nasce quando cada uma passou a receber diferentes influências. O inglês passou a ser mais influenciado pelo francês e o scots pelas línguas celtas, como o Nórdico Antigo. O scots era uma língua mais popular no centro-sul da Escócia e muito do folclore foi escrito nela. Burns, um bardo devoto à sua poesia, insiste em utilizar o scots como um recurso poético. Sendo assim, Burns escreve poemas únicos recheados com a cultura escocesa através da heteroglossia do inglês com o scots e da justaposição das duas línguas em uma única obra.

Aqui seguem as primeiras quatro estrofes do poema *Addres do Haggis*.

Boa sorte a tua cara digna e feliz,
Grande capitão do clã dos pudins!
Acima de todos assume teu posto,
Tripas, miúdos ou pança:
Bem mereces uma tão longa prece
Como meu braço.

A gemente travessa já preenches,
Teu traseiro qual um morro distante,
Teu pregador consertaria um moinho
Se preciso fosse,
E por teus poros destila um orvalho
Qual gotas de âmbar.

Vede o camponês a faca secar,
E com ágil rapidez te cortar!
Trinchando as entranhas em jorros brilhantes,
Como uma barragem;
E aí, oh, que gloriosa visão e que
Odor rico e penetrante!

Então, colher por colher, trincham e espetam:
Mas salve-se quem puder, e lá se atiram,
Até que as bem recheadas panças ficam
Roliças qual tambores;
E o velho anfitrião, a explodir,
Uma prece recita. (BURNS in: 2006, p. 59, FERREIRA)

Aqui segue a sétima estrofe do poema *Addres do Haggis*.

Mas vede o camponês alimentado de haggis,
A terra trêmula estremece a seus pés,
Ponde na sua mão forte uma navalha
E ele a fará assoviar,
E pernas, braços, cabeças cortará
Como topos de cardo! (BURNS in: 2006, p. 60, FERREIRA)

Nesse breve trecho de *Address do Haggis*, traduzido por Bruno de Sá Ferreira em 2006, é possível observar como a poesia de Burns relaciona características humanas com atributos geográficos. Também é possível ver referências a obscenidades nas duas primeiras estrofes do poema, o que era comum na poesia popular escocesa (FERREIRA, 2006) e constantes referências a natureza e a guerra. Na sétima estrofe, Burns menciona uma flor, o cardo. Segundo Bruno Ferreira (2006), o cardo era um símbolo de resistência ao clima frio do Norte, e que com o tempo passou a ser vista como um símbolo de resistência de todo o povo camponês escocês.

Consoante com texto de Katherine Campbell e Kirsteen McCue (2012), Burns baseou muitas de suas mais de 300 canções nas canções tradicionais que ele já era acostumado a ouvir. Com sua própria criatividade, ele expandiu as letras da forma que considerou mais se adequar a suas melodias. Suas músicas compartilhavam das mesmas características que a poesia de Macpherson, apesar de distintas em região e nas influências que receberam, ambas eram extremamente emocionais. Segundo John MacQueen (1989), isso se deu porque ambos os autores acabaram seguindo as linhas de raciocínio do iluminismo escocês que “consistentemente subestimou a relevância dos sistemas que eram baseados na razão pura e tendeu a enfatizar as limitações do intelecto, a importância das paixões e emoções não racionais na descrição da mente humana” (MACQUEEN, 1989, p. 12).

Logo, é possível perceber que temas como o passado e as emoções já eram culturalmente apreciados pela sociedade escocesa. Para MacQueen (1989), o século XVIII foi um momento de transição social, de uma sociedade conservadora e antiga sendo substituída por uma mais progressista, tendo David Hume e Francis Hutcheson como filósofos modelo e abrindo as portas para o maior gênero do romantismo escocês, o romance histórico. Por causa da forte cultura oral, o conhecimento do passado não era superficial, então os autores do período tinham grande conhecimento da rotina de seus antepassados. Isso por causa da cultura do antiquarianismo, foi um movimento que aconteceu na Escócia e se baseava em conversar sobre manuscritos antigos e colecioná-los. Walter Scott fez parte desse movimento, tão popular. Nesse momento, o folclore ainda não era algo do passado, ele estava vivo, sendo criado e presente na vida de todos, do Sul ao Norte da Escócia, e era um tema recorrente, já que essa herança cultural era o que separava a nação escocesa da inglesa, que usava diversos artifícios para prejudicar sua vizinha.

O principal nome da novela histórica e que consegue equilibrar perfeitamente o peso medievo da poesia ossiânica com a cultura folclórica oral e real de Burns é Walter Scott. Punter (2012) afirma que Scott fazia parte da população dos antiquados e que a sua virada literária foi quando ele passou a entrar em contato com a sua herança cultural enquanto colecionava baladas antigas, e passou a ter acesso ao horror alemão, o que o levou a combinar o medievalismo com o gótico. Seu mentor literário durante esse momento de descobertas foi Monk Lewis, um romancista que havia ido para a Alemanha estudar diplomacia¹¹. Para Punter (2012), a invenção do gênero “novela histórica” se consolida em 1814 com a obra *Waverley*, que para ele:

Waverley performa uma mais profunda absorção das convenções góticas, agora advindas de novelas propriamente góticas, assim como os dados da cultura nativa antiquada, combinando os dois com o esquema do iluminismo filosófico histórico. Scott usa a alegoria política britânica estabelecida pelo “conto nacional” anglo-irlandês e mescla isso com o romance gótico, ativando a então episódica herança cultural e estabelecendo um aparato narrativo mais potente e complexo.¹² (PUNTER, 2012, p. 140, tradução nossa).

Sarah Dunningan e Suzanne Gilbert (2013) afirmam que, para chegar na melhor versão dos seus textos e completar as lacunas faltando, Scott combinava baladas diferentes. Pittock (2008) expõe que o fato de que Scott trazia fatos históricos removendo a Inglaterra deles, fazendo com que seus leitores o vissem como um dos escritores mais políticos do período.

Levando em conta as considerações de Carpeaux (2012), Scott, apesar de ter produzido obras medievalistas, como *A Noiva de Lammemoor*, *Waverley* e *A Bela Donzela de Perth* e ter fundado o romance histórico, não é um medievalista. Somente cinco de suas obras se passam no passado. Apesar de parecer que todas as suas obras são situadas em uma sociedade antiga, o contexto histórico da Escócia presta um grande papel nisso, já que era uma nação extremamente pobre ainda com características medievais.

Para entender melhor seu momento na literatura, é importante lembrar que Scott era um tóri¹³ que, apesar de ser um *lord of castles*¹⁴, se mantinha conectado à sociedade

11 PECK, Louis F. **A life of Matthew G. Lewis**. [S. l.]: Harvard University Press, 1961.

12 No Original: *Waverley performs a more thorough absorption of Gothic conventions, taken now from the Gothic novel proper, as well as of the antiquarian–anthropological data of ancestral native culture, by combining them with the schema of Enlightenment philosophical history. Scott takes up the political allegory of British Union established by the Anglo-Irish “National Tale” and infuses it with Gothic romance conventions, symbolically activating a hitherto episodic content of “ancestral native culture” and establishing a more potent and complex narrative apparatus* (Punter, 2012, p. 140).

13 Membro do partido conservador jacobita escocês.

14 *Lord of castle* é um homem de confiança do rei, considerado parte da nobreza, que possui o direito de morar em um castelo.

camponesa por sua paixão pelo folclore. As tradições defendidas por ele não vinham de um passado distante, e sim de um passado recente. Essa cultura folclórica estava sendo deixada de lado por causa da Revolução Industrial. Sua tristeza ao ver sua cultura sendo abandonada era percebida em suas obras, como “*O Coração de Midlothian*”¹⁵, que se passa em um passado próximo e retrata a angústia do povo escocês perante a morte de suas tradições.

Carpeaux (2012) afirma que Scott é um dos escritores anglo-saxões mais realistas, pois se baseia na cultura e na documentação oral que permanecia viva. Por causa da influência do pensamento iluminista escocês, suas personagens são determinadas pelo ambiente que vivem. É como se acontecesse uma troca entre o cenário e cada uma das personagens, afinal elas se tornam vivas à medida que a cultura oral as cerca.

O autor Henry Shaw (1983) descreve as novelas históricas como:

[...] obras que de alguma forma representam meios históricos em termos de probabilidade ficcional. Uma personagem ou incidente na novela pode ser provável em uma ou duas formas. Pensa-se normalmente em probabilidade envolvendo o mundo externo que aquela obra representa. (SHAW, 1983, p. 20, tradução nossa)¹⁶.

Ele também reafirma que é um gênero que surgiu das obras de Walter Scott e influenciou grandes mestres da literatura, como Balzac. É um gênero que representa a cultura de sociedades antigas, seus vícios de linguagem e até eventos do período, que levando em conta o passado antiquarianista de Scott, provavelmente foram reais, afinal ele não acreditava em alterar a história para que ela ficasse de acordo com os seus desejos (SHAW, 1983). Segundo Shaw (1983), essas novelas abriram os caminhos para que os leitores tivessem a possibilidade de vislumbrar o passado levando em conta como as obras eram estruturadas.

Shaw (1983), traz à tona algumas dificuldades que eram enfrentadas por Scott ao escolher um determinado evento histórico. Por causa do seu desejo de manter os fatos retratados verídicos, ele poderia encontrar problemas com o interesse do público, com suas expectativas e a falta delas também. Todos esses desafios são pensados por Scott, ele também deveria pensar se com o evento escolhido ele conseguiria despertar a criatividade de seus leitores de uma forma agradável, e a animação em visitar as estruturas de sociedades antigas, além de despertar a autoconsciência ao revisitar o passado de seus ancestrais.

15 No original: *The Heart of Midlothian*.

16 No original: *historical novels are works that in some way represent historical milieux is to speak in terms of fictional probability. A character or incident in a novel can be probable in either or both of two ways. We usually think of probability as involving fidelity to the external world that a work represents.* (SHAW, 1983, p.20)

4 ANÁLISE DO CONTO *A HISTÓRIA DE WILLIE, O VAGABUNDO*

Neste capítulo, será visitado o breve conto *A História de Willie, O Vagabundo*, escrito por Walter Scott em 1824, considerado por Carpeaux (2011), o melhor conto de Scott. A versão escolhida para análise foi encontrada na coletânea de contos *Contos Fantásticos Do Século XIX*, organizada por Ítalo Calvino. Essa é uma história que se passa no passado e é narrada pelo neto da personagem principal, que é um bardo chamado Steenie. Ele devia um ano de aluguel ao rei, Robert Redgauntlet – um homem terrivelmente impiedoso, considerado o próprio diabo por alguns de seus vassalos –, e era próximo do rei, afinal, já haviam batalhado e caçado juntos. Quando foi pagar o aluguel, depois de pedir dinheiro emprestado ao seu vizinho e aos seus conhecidos, Steenie se deparou com o rei em sua cama, extremamente debilitado.

Após efetuar o pagamento, Robert foi escrever o comprovante de que o dinheiro foi recebido, porém, antes de finalizá-lo as suas dores aumentaram. O rei passou a urrar de dor, seus empregados ficaram perdidos até que sua morte chegou. Depois disso o seu filho, John, assumiu as obrigações e foi conferir as dívidas de todos os vassalos. Ao chegar em Steenie, John argumentou que a dívida não havia sido paga, já que o dinheiro havia desaparecido e Steenie não chegou a pegar seu comprovante, afinal o rei morreu antes que pudesse entregá-lo. Steenie tentou contra-argumentar miseravelmente e saiu do castelo furioso por não ter como comprovar sua honestidade, montou em seu cavalo e saiu pela floresta. Depois de algumas horas cavalgando, encontrou um forasteiro que lhe perguntou quais eram seus problemas, Steenie explicou a situação e disse que iria até ao inferno para pegar seu comprovante. O forasteiro, ao ver o desespero de Steenie, disse que poderia ajudá-lo e o levou ao próprio inferno para falar com o rei Robert.

Steenie descreve o lugar como idêntico ao castelo de Robert, e afirma que encontrou em sua mesa vários dos homens que batalhou ao lado durante sua vida, mas que deveriam estar mortos. Lá ele consegue o comprovante de pagamento e o fantasma do rei também fala onde o dinheiro pode ser encontrado. Steenie acorda no cemitério da cidade, entrega o comprovante ao John que o acusa de bruxaria, mas decide não denunciar à igreja por ser um caso relacionado a sua família. Os dois encontram o dinheiro onde o fantasma disse que estaria, e decidem não espalhar o caso.

4.1 Microanálise

Partindo da análise das ações contidas no conto, é possível perceber que a história possui um bom equilíbrio entre ações externas – manifestadas fisicamente –, e as ações internas – que acontecem na mente das personagens. Isso pode ser percebido no momento de virada da história, que é quando Steenie decide ir atrás do comprovante. Esse momento divide a narrativa entre a parte mais realista e a mais ligada ao folclore, e tem seu surgimento de um rompante emocional.

Num acesso de fúria de Steenie, que foi gerado pela sua conversa com o filho do falecido rei

Meu avô já não tinha mais paciência e, quando estavam a ponto de se pegar, teve a desfaçatez de insultá-lo, tanto a ele quanto ao que ele dizia, e falou coisas que empalideceram todos que estavam ouvindo; estava fora de si e ademais tinha convivido com gente que não mordida a língua. (SCOTT, 1824, p. 92)

Ele decide fugir pela floresta com seu cavalo buscando alguma forma de apaziguar seus sentimentos. E o segundo momento em que foi guiado pela ação interna, é a sua decisão de se abrir com o forasteiro, que acontece quando ele busca alguma forma de expressar a sua confusão interna, por não saber o que fazer para resolver os seus problemas financeiros causados pela morte do rei.

Agora, tendo o tempo como aspecto a ser analisado, pode-se dizer que o conto acontece seguindo o tempo cronológico. Em diversos momentos da narrativa é possível perceber a passagem do tempo, seja se referindo aos dias ou às horas, por exemplo: “só depois de passado o ano e o dia fatídico, ele ousou pôr de novo as mãos na gaita, ou beber uísque ou cerveja.” (SCOTT, 1824, p.99) e em “Quando bateu a meia-noite, e a casa estava quieta como um túmulo, o apito de prata soou tão claro e penetrante que parecia que sir Robert estava realmente assoprando-o.” (SCOTT, 1824, p.88). Em ambos os casos é impossível ter uma visão equivocada do dia e do horário em que tal evento se passou. E o acontecimento mais interessante da trama também gira ao redor da passagem do tempo, afinal quando Steenie finalmente conseguiu seu comprovante assinado pelo rei Robert e o mostrou ao seu filho, que o cobrava, a data que estava no comprovante se referia a um dia em que o rei já estava morto, logo seria impossível que esse fosse real ““Com a minha autoridade”, ele leu, “em vinte e cinco de novembro”. “O quê? É a data de ontem! Canalha, você vai para o inferno por causa disso!”” (SCOTT, 1824, p.97).

Tendo em vista os aspectos relacionados ao espaço é possível perceber que a obra se passa em alguns espaços diferentes. No primeiro momento descobrimos que ela se passa no Norte da Escócia no chamado *Primorose-Knowe*, nas propriedades de um rei chamado Robert Redgauntlet e o narrador descreve o local que está como “[...] um lugar agradável, o ar era mais fresco do que em qualquer outra região. Agora está abandonado, estive há três dias sentado no umbral da porta e me sinto feliz por não ver mais a ruína em que se converteu.” (SCOTT, 1824, p.87). O segundo espaço a se considerar, é o castelo do rei, onde Steenie se encontra com Robert e seu filho, John, apesar de não possuir uma descrição de seus detalhes é um ambiente que fornece conteúdo para a narrativa. Em seguida, a floresta de *Pitmurkie* é citada, “[...]era tomada de abetos negros, como diziam — e, sabe, eu conheço a floresta, mas não saberia dizer se os abetos são negros ou brancos. Na entrada da floresta há uma clareira[...]” (SCOTT, 1824, p.92), nela Steenie finalmente se encontra com o diabo e em seguida o castelo retorna como espaço principal, mas dessa vez não se trata do primeiro castelo visto e sim de um castelo infernal. Primeiramente é possível ter um vislumbre do exterior do castelo

[Dougal e Steenie] atravessando os arcos do velho portão, entraram no pátio; viram a frente da casa toda iluminada, e ouviram flautas e violinos, e notaram que havia muita dança e bagunça como era costume na casa de sir Robert no Natal, na Páscoa ou em outras ocasiões especiais. (SCOTT, 1824, p.93)

Em seguida, pode-se observar como é a dinâmica no interior do castelo, fazendo uma analogia entre como funcionava o castelo antes e depois, no inferno

Ele [Dougal] guiou meu avô pelas paredes e corredores que lhe eram bem conhecidos, até o velho salão de estar; e havia ainda mais canto de músicas profanas, e vinho tinto, e blasfêmia e obscenidades, como acontecia no castelo de Redgauntlet nos melhores tempos. (SCOTT, 1824, p.94)

E o último espaço interessante é a Casa do Gato, o depósito em que o fantasma do rei deixou o dinheiro de Steenie para que seu filho, ou algum de seus funcionários, fosse pegá-lo e é descrito como “[...] lugar [que] era perigoso, pois a escada estava velha, carcomida e com alguns degraus a menos.” (SCOTT, 1824, p.97).

A narrativa acontece na terceira pessoa, e o neto do protagonista narra a história como um narrador observador. Sua narrativa é em formato de solilóquio, ou seja, ele fala de maneira informal como se estivesse contando a história à algum interlocutor desconhecido. Os diálogos são marcados por aspas e não chegam a ser extensos. É possível perceber alguns

vícios de linguagem, como a repetição da palavra “bom” (SCOTT, 1824, p.85, 86, 87, 89, 95 e 96) no começo das sentenças.

4.1.1 Análise das personagens

A primeira personagem que se revela na trama é também o narrador, Willie¹⁷, que narra a história do avô, que é quem assume o posto de protagonista. Não existe uma descrição de seu caráter e a primeira descrição que o narrador fornece é a do rei Robert Redgauntlet

Sir Robert era odiado e temido em toda a região. Os homens acreditavam que ele tinha um pacto com o próprio demônio, e que ele era à prova de aço, e que as balas se derretiam na sua armadura como pedras de gelo no fogo, e que ele tinha uma égua capaz de virar lebre lá para os lados de Carrifra – e outras coisas do mesmo tipo que contarei mais adiante. A maldição mais suave que já se lançou a ele foi: “O diabo que chicoteie Redgauntlet”. Seu povo não o achava um mau senhor, e seus homens inclusive gostavam dele; os intendentess e os cavaleiros que saíam com ele atrás dos whigs naqueles tempos terríveis faziam um brinde, a hora que fosse, à sua saúde. (SCOTT, 1824, p.84)

Um homem claramente cruel, que além disso também é descrito como sendo um tóri. O próximo a ser apresentado é Steenie, o avô de Willie

[...] um pândego, ator na juventude; tocava bem gaita e fazia sucesso com a “Hoopers e Girders”. E em Cumberland ninguém podia competir com ele na “Jockie Latin” – o seu era o mais belo dedo para a “back-lilt” entre Berwick e Carlisle. Os whigs não tinham o mesmo gosto que Steenie. E ele acabou se tornando um tóri, como eles chamavam os que agora conhecemos por jacobitas, simplesmente porque sentia necessidade de fazer parte de um dos bandos.” (SCOTT, 1824, p.84)

Nesse trecho é possível perceber que Steenie é quase um bardo, em certo momento da narrativa Sir Robert pede para que ele toque sua gaita. Willie afirma que, apesar de ser um exímio jogador, Steenie passava por dificuldades financeiras e devia mais de um ano de aluguel, logo ele também se revela inseguro, já que acaba se juntando aos tories por não querer ficar sozinho. Nisso, acaba fazendo várias coisas que põem o seu bom caráter em dúvida.

O próximo a ser apresentado é o mordomo Dougal MacCallum, “que acompanhava o senhor Robert na saúde e na doença, na riqueza e na pobreza, na felicidade e na tristeza, gostava especialmente do instrumento, de onde vinha o bom cartaz de meu avô, porque

17 Infere-se que esse seja seu nome, por causa do título da história mesmo que não haja nenhuma referência disso no texto.

Dougal tinha o que queria de seu amo.” (SCOTT, 1824, p.85). Uma personagem que possui seu momento principal ao informar Steenie de que ele não deve comer, tocar ou beber nada do castelo do inferno, ou estaria fadado a ir para lá. Logo, seu vizinho Laurie Lepraik é apresentado como uma “raposa velha” (SCOTT, 1824, p.86), que podia mudar de lado conforme o que lhe era favorável e foi o responsável por emprestar o dinheiro a Steenie, para que ele conseguisse pagar o que devia ao rei. As razões por trás disso nunca ficam de fato claras.

A próxima personagem relevante é o filho de Robert, John,

O jovem lorde, agora sir John, veio de Edimburgo para acertar as coisas. Sir John e seu pai nunca tinham se dado bem. Sir John tinha estudado para ser advogado e depois ocupou uma cadeira no último Parlamento escocês, tendo votado pela União e recebido, foi o que todo mundo pensou, um punhado de compensações — se seu pai pudesse sair do túmulo, talvez lhe quebrasse a cabeça com as pedras da própria lápide por causa daquilo. Algumas pessoas achavam mais fácil tratar com o velho e rude cavaleiro do que com o jovem de maneiras suaves, mas falaremos disso mais adiante. (SCOTT, 1824, p.87)

Responsável por acertar as dívidas dos vassalos do seu pai. Por essa breve descrição é possível perceber a importância que o dinheiro tem em sua vida, e que é o oposto de seu pai, afinal Robert fazia parte do movimento que não queria se unir a Inglaterra, enquanto John fez questão de votar a favor da União. John não se dá bem com o pai por motivos políticos, mas mesmo não tendo uma boa relação com Robert, ainda preza pelo nome de sua família e por isso não deixa que Steenie espalhe a história sobre o inferno depois que essa se prova verdadeira. Seus traços de personalidade acrescentam complexidade no que apesar de ser uma pessoa com um alto nível de educação, muitos ainda preferem decidir as coisas com o seu pai, que era conhecido pela sua grosseria.

E o último personagem de caráter relevante é o Diabo, que é o ser responsável pela morte de Dougal e, também, por levar Steenie a conhecer o mundo dos mortos. Inicialmente — no castelo — ele se mostra em sua forma de diabo e depois aparece como um cavaleiro/forasteiro para Steenie na floresta.

4.2 Macroanálise

O conto narra do começo ao fim uma sociedade antiga, com características medievais de suserania e vassalagem, e é muito condizente com os relatos da época. Tem personagens

completamente plausíveis de terem existido em algum momento da história. A começar pelo contexto da sociedade, o narrador especifica e narra acontecimentos comuns no período com precisão. Ele fala sobre os embates entre *whigs* – o partido liberal que não queria a volta do rei James – e *tories* – o partido conservador jacobita –, deixando claro que o rei Robert fazia parte do partido tóri enquanto John se alinhava com as ideias *whigs*. O narrador também descreve as atrocidades que os membros de um partido eram capazes de fazer com o outro depois que a junção entre Escócia e Inglaterra aconteceu

Redgauntlet gostava de usar a força; e seu nome era tão conhecido aqui quanto o de Claverhouse ou de Tam Dalyell. Nem uma escharpa ou um vale, nem uma colina ou uma caverna podiam esconder o pobre povo da montanha quando Redgauntlet saía com a trompa e os bravos cães de caça atrás dele. Como se estivessem caçando uma manada de cervos. E, verdade, quando alcançavam alguém, não faziam mais cerimônia do que os montanheseiros com uma corça — e bastava: “Quer fazer o juramento?”; — se não, “Pronto — agora fogo!” —, e ali mesmo o covarde ficava estendido.” (SCOTT, 1824, p. 84).

Agora, levando em consideração o romantismo que pode ter sido originado por Robert Burns, com atributos sulistas, pode-se afirmar que o uso do idioma scots em seu original é um forte indicador da influência de Burns em Scott. Além disso, há vícios de linguagem informais, como a constante repetição da palavra “bom” no início das frases e o fato de que o narrador conta a história como quem está conversando com uma pessoa próxima, se assemelhando a um diálogo entre o leitor e o narrador.

Outra particularidade interessante é o fato de que, assim como Ossian e Burns, Steenie também é uma personagem com muita afinidade com música. Beirava o bardo, várias vezes na narrativa pedem para que ele toque ou ele mesmo comenta sobre algum momento em que alegrava a todos tocando sua gaita “Frequentemente era chamado para tocar gaita nas festas.” (SCOTT, 1824, p. 85). Uma característica que é bem marcante tanto nos poemas de Ossian, que sempre está tocando ou se referenciando a música, quanto em Burns, que era um músico e compositor.

Tendo em vista que o Norte e o Sul compartilham como característica mútua o uso do fantástico, seja por Macpherson ter inventado toda a história de Ossian ou por Burns que escrevia suas canções tendo cantos folclóricos como base, Scott também implementou o fantástico na sua história. Mormente, a figura do forasteiro, que na verdade representava o diabo e foi capaz de levar Steenie para conversar com os mortos no que supostamente era o inferno, sendo esse uma representação do inferno feudal (CALVINO 2004, p.83), onde

bebiam dançavam e cantavam e, segundo Calvino (2004, p.83), a imagem de um macaco na casa também pode ser vista como uma simbologia daquele período para a presença do fantástico.

Levando em consideração os pensamentos de Anne Ross (2007) sobre o folclore escocês, pode-se perceber que ele é resultado da união entre o folclore irlandês, o celta e as crenças protestantes e católicas. Naquele período, principalmente no Norte, as pessoas acreditavam que o fantasma da pessoa falecida permanecia forte por vários dias. É possível ver essa crença se manifestando quando o fantasma do rei Robert toca o apito, que costumava utilizar para chamar seus servos, por vários dias após a sua morte, chamando Dougal para atender aos seus pedidos no além

Dougal serviu-se de uma taça de brandy, deu outra a Hutcheon, e lhe desejou saúde e longa vida, dizendo que já não tinha mais vontade de viver neste mundo, porque todas as noites, desde a morte de sir Robert, ele ouvia o apito de prata chamando-o à câmara mortuária, tal como o lorde fazia enquanto estava vivo, para que Dougal o ajudasse a se virar na cama (SCOTT, 1824, p. 88).

Patricia Monaghan (2004), afirma que, para a mitologia celta – que influenciou fortemente o folclore da Escócia e da Irlanda –, o inferno em si não existia, o que pode ser interpretado como uma representação da influência protestante e católica recebidas por Scott naquele período. No lugar dos conceitos de céu, inferno e purgatório, existia no folclore celta o *Outro Mundo*¹⁸, que estaria sempre próximo ao nosso mundo, mas que não era acessível exceto quando o véu entre as duas dimensões se tornava fino o suficiente para que as pessoas pudessem passar para a outra dimensão. Nessa dimensão se encontravam as figuras místicas, como as fadas e as pessoas mortas e essa travessia geralmente acontecia em florestas, assim como aconteceu com Steenie, que subitamente estava no mundo dos mortos sem que percebesse. No conto Steenie chega ao suposto inferno apenas cavalgando pela floresta acompanhado do forasteiro, depois de dizer o quão desesperado estava:

Disse que tinha coragem de ir ao portão do inferno, e mais ainda, por aquele recibo. O forasteiro se pôs a rir. Eles cavalgaram floresta adentro, quando, surpreendentemente, o cavalo parou na porta de uma grande casa; e, pelo que ele sabia, se o lugar não estivesse dez milhas adiante, meu avô poderia ter pensado que estava no castelo Redgauntlet. (SCOTT, 1824, p. 93).

Segundo a enciclopédia de Monaghan (2004), muitas partes importantes do folclore se passam nas florestas escocesas e irlandesas, sendo assim não é surpresa que uma floresta

18 No original: *otherworld*.

tenha sido escolhida como palco para uma travessia para outro mundo. Além disso, Ross (2007) também afirma que mudar o próprio corpo era algo comumente feito por bruxas e diabos, o que se faz presente na história de Scott quando o Diabo primeiramente aparece na sua forma demoníaca e depois assume a forma de um nobre ao guiar Steenie para outro mundo.

Existe também outro momento da narrativa em que o fantástico aparece estando presente no passado de Steenie,

“Bom, gaiteiro, você esteve com meu filho para tratar do aluguel anual?” meu avô respirou fundo para dizer que sir John exigia um recibo do lorde.” você o terá em troca de alguma música, Steenie”, disse o espectro de sir Robert. “Toque para nós a ‘Weel Hoddled, Luckie’.” era uma melodia que meu avô aprendera com um bruxo, que por sua vez a ouvira enquanto estava adorando o demônio em um de seus trabalhos (SCOTT, 1824, p. 95).

Nesse diálogo, nota-se que Steenie já havia tido outros contatos com o fantástico e com pessoas que acreditavam no Demônio. É curioso observar como a referência a essa música, aprendida em um ritual satânico, acontece quando Steenie se encontra com falecidos que estão no inferno. Esse breve trecho também é um claro exemplo da cultura se perpetuando através da oralidade.

É notável que as características do Sul e do Norte aparecem de formas distintas no decorrer da narrativa. O Sul está mais presente no formato da trama, no fato de que ela é escrita de maneira informal, com vícios de linguagem e pelo fato de ter sido escrita em scot. A tradição sulista e a influência de Burns aparecem em momentos singulares na narrativa, por exemplo na construção da personagem Steenie e no fato de que a canção mencionada foi passada do bruxo a Steenie, até chegar em Willie de forma oral.

A cultura do Norte, por outro lado, está presente na narrativa em si. A começar pelo fato de o conto se passa no Norte, em um ambiente feudal que também é típico da região, já que, por causa da relevância dos clãs o Norte foi o local que mais demorou a abandonar tal modelo social. O contexto político também aparece, é explicitado diversas vezes que Robert é um jacobita, movimento que foi mais popular no Norte, enquanto seu filho é *whig*. A história se faz presente no que a votação para união entre Escócia e Inglaterra é citada, dessa forma, é nítido que a narrativa se passa alguns anos após 1703. A presença da música e as diversas referências ao fantástico são sinais da influência de Macpherson com a obra *Poemas de Ossian*. Mesmo que o gaélico não esteja presente, a ambientação proposta por Scott é realista ao momento histórico em que a história se passa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer do trabalho apresentado, é possível perceber o quanto a política e o contexto em que os escoceses viviam foi capaz de moldar o romantismo, para que esse se adequasse à realidade vivida. Nota-se que mesmo com as diferenças entre Norte e Sul, é possível criar um caminho que une as duas culturas. Walter Scott, apesar de ser um sulista, trouxe o contexto político e a história – muitas vezes violenta e dolorida para aqueles que estavam presentes – em suas obras.

A partir do que foi dito, abre-se espaço para novas discussões sobre o romantismo no Reino Unido e novas possibilidades de discussão sobre como a Revolução Francesa foi capaz de influenciar lugares distantes de maneira intensa. Mesmo que a Inglaterra tivesse a intenção de conter os ideais iluministas para que eles não influenciassem sua população – o que deu certo dentro dos muros ingleses – o contexto de sofrimento e represália que assolava os escoceses não deixou que acreditassem que um gênero tão nacionalista, podia ser o espelho de uma burguesia que ascendia na época e ideais conservadores, como aconteceu na Inglaterra.

Por ser um país relativamente alfabetizado para o período, muitos autores e estudiosos escoceses passaram a estudar as obras pré-românticas e românticas alemãs. O que causou uma sensação de pertencimento e identificação bem maior do que com as obras dos seus vizinhos ingleses, afinal, assim como a Alemanha, a Escócia sofria com as consequências de uma Revolução Industrial tardia e que tendia ao fracasso devido à ausência de recursos financeiros. Tanto Escócia quanto Alemanha, cultuavam o amor por um passado de certa forma idealizado, já que o acesso ao germânico antigo era difícil, e na Escócia, a maior referência de passado que se tinha no período era a obra *Poemas de Ossian*, que era uma farsa de Macpherson, já que Ossian nunca existiu.

Punter (2012) levanta que o romantismo na Escócia vem de dois movimentos principais. O primeiro é o pré-romantismo de Burns, que representava a corrente literária que até então acontecia no Sul, escrevia em scots, e era um bardo que compunha suas canções e

poesias tendo o folclore como inspiração, sempre aperfeiçoando as letras e incrementando suas rimas e linguagem. E o segundo é o pré-romantismo de Macpherson, que ficou famoso com a obra *Poemas de Ossian*, onde fingiu traduzir as obras de um bardo medieval, que escrevia em gaélico e narrava os feitos de uma Escócia que tinha a força necessária para dominar o mundo, o que contrastava com a Escócia em que Macpherson viveu.

Enquanto Burns tinha o seu cotidiano como inspiração ao escrever, Macpherson se inspirou nas epopeias clássicas e criou algo que juntasse sua fantasia de passado, com o folclore e as crenças populares no Norte (CARPEAUX, 2011). Levando em consideração as diferenças entre a história e as influências que a região Sul recebeu, percebe-se que, por mais próxima geograficamente da Inglaterra, sofria mais com os embargos econômicos justamente por não ter a possibilidade de comércio que o Norte tinha e contava com mais escolas. Enquanto a região Norte, que possuía um contexto político pautado na revolta, por ter uma cultura mais diferente da que lhes era imposta, ainda contava com os clãs medievais e tinha o gaélico escocês como uma das línguas utilizadas informalmente (HERMAN, 2002).

E mesmo com essas divergências histórico-culturais, Walter Scott foi capaz de unir as tradições de ambos os autores e de ambas as regiões em sua obra. No exemplo analisado, é possível reparar que, apesar de Scott ser da região Sul e utilizar o scots, idioma típico de lá para narrar, ele utiliza do seu conhecimento para contar uma história que se passa no Norte. A estrutura onde a história se passa se assemelha com a dos clãs, onde muitas pessoas vivem na terra de um indivíduo que é considerado o rei daquela região, imitando uma relação de suserania e vassalagem muito comum na Idade Média. Apesar de se passar em um período não muito antigo, o retrato da relação do rei com seus súditos no conto *A História de Willie, O Vagabundo* retrata a realidade, já que a sociedade Escocesa levou muito tempo para se modernizar e o enfraquecimento dos clãs só se deu depois da Batalha de Culloden, quando os ingleses tentaram reprimir as tradições do Norte através do Ato de Proscrição.

No conto também é possível perceber que Steenie, o protagonista, é um bardo, da mesma forma que Ossian e Burns foram. Outro elemento de suma importância é o folclore, que se apresenta no fato de que Steenie é capaz de atravessar para o Outro Mundo sem nenhuma passagem, porta ou caminho diferente. Sua travessia acontece seguindo pela floresta, provavelmente em algum trecho que o véu que separa os dois mundos (MONAGHAN, 2004) estava mais fino, enquanto estava sendo guiado pelo Diabo.

Na breve narrativa, é possível perceber que em certo momento os conceitos de inferno e de *Outro Mundo* acabam se misturando. A ideia de inferno é concebida no imaginário

cristão e a de *Outro Mundo*, onde as almas, os fantasmas, fadas e outros seres místicos habitam, vem do imaginário Celta (MONAGHAN, 2004), que não acreditava em um lugar destinado às almas maldosas, e sim que elas eram destinadas a reencarnar. Segundo as descrições de Steenie, o rei Robert deveria estar no inferno, por ser um homem maldoso, mas sob o ponto de vista do folclore Celta, ele só tinha atravessado a barreira para o *Outro Mundo*.

Por fim, levando em consideração as características já citadas, é possível perceber que no decorrer do conto *A História de Willie, O Vagabundo*, Scott consegue unir as tradições da região Norte e da região Sul. Isso acontece de maneiras diversas, sendo que as características do Sul estão mais presentes na estrutura, e as referentes ao Norte, estão na trama em si. É com grande destreza que Scott une dois mundos diferentes em suas obras, respeitando cada limite e sendo fidedigno ambos. É possível concluir que a todo momento as tradições escocesas e o nacionalismo estão em posições de destaque.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACKROYD, Peter. **Rebellion: The History of England from James I to the Glorious Revolution**. [S. l.: s. n.], 2015.

BURNS, Robert. Address to a Haggis. Separata de: FERREIRA, Bruno de Sá. **O bardo canta a Escócia: o nacional em versos de Robert Burns**. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, [S. l.], 2006.

CAMPBELL, Katherine; MCCUE, Kirsteen (ed.). Lowland Song Culture in the Eighteenth Century. *In*: DUNNINGAN, Sarah; GILBERT, Suzanne (ed.). **The Edinburgh Companion to Scottish Traditional Literatures**. [S. l.]: Edinburgh University Press, 2013.

CARPEAUX, Otto Maria. **História da literatura ocidental**. São Paulo: [s. n.], 2011. v. IV.
CASS, Thiago. **Dois Poemas do Ossian de Macpherson**. 2011. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade de São Paulo (USP), [S. l.], 2011.

COLLINS Dictionary. *In*: **Master of Rolls**: in British English. [S. l.], 2023. Disponível em: <https://www.collinsdictionary.com/dictionary/english/master-of-the-rolls>. Acesso em: 9 fev. 2023.

CORBETT, John; MCCLURE, J. Derrick; STUART-SMITH, Jane. **The Edinburgh Companion to Scots**: John Corbett, J. Derrick McClure and Jane Stuart-Smith. [S. l.]: Edinburgh University Press, 2003.

DUNNINGAN, Sarah. The Early Modern Period. *In*: DUNNINGAN, Sarah; GILBERT, Suzanne (ed.). **The Edinburgh Companion to Scottish Traditional Literatures**. [S. l.]: Edinburgh University Press, 2013. p. 94-104.

GILBERT, Suzanne. Tradition and Scottish Romanticism. *In*: DUNNINGAN, Sarah; GILBERT, Suzanne (ed.). **The Edinburgh Companion to Scottish Traditional Literatures**. [S. l.]: Edinburgh University Press, 2013.

HERMAN, Arthur. **How the Scots Invented the Modern World: The True Story of How Western Europe's Poorest Nation Created Our World and Everything in It**. [S. l.: s. n.], 2002.

MACQUEEN, John. **The Rise of the Historical Novel: The Enlightenment and Scottish Literature**. [S. l.: s. n.], 1989.

MATUSIAK, John. **James I: Scotland's King of England**. [S. l.: s. n.], 2015.

MOISÉS, Massaud. **A Análise Literária**. [S. l.: s. n.], 2015. OLIVER, Neil. **A History of Scotland**. [S. l.: s. n.], 2009.

MONAGHAN, Patricia. **The Encyclopedia of Celtic Mythology and Folklore**. [S. l.: s. n.], 2004.

PECK, Louis F. **A life of Matthew G. Lewis: The Enlightenment and Scottish Literature**. [S. l.]: Harvard University Press, 1961.

PUNTER, David. **A New Companion to the Gothic**. [S. l.: s. n.], 2012.

ROSS, Anne. **Folklore of the Scottish Highlands**. [S. l.: s. n.], 2007.

SCOTS Language Centre for the Scots Leid. *In: Scots Speakers*. [S. l.], 2023. Disponível em: <https://www.scotslanguage.com/pages/view/id/6>. Acesso em: 31 jan. 2023.

SCOTT, Walter. A história de Willie, o vagabundo. Separata de: CALVINO, Ítalo. **Contos Fantásticos Do Século XIX**. [S. l.: s. n.], 2004.

SHAW, Harry E. **The Forms of Historical Fiction Book: Sir Walter Scott and His Successors**. [S. l.: s. n.], 1983.

WATSON, Moray; MACLEOD, Michelle (ed.). **The Edinburgh Companion to the Gaelic Language**. [S. l.]: Edinburgh University Press, 1998.